



XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

NOTAS SOBRE AS MODALIDADES DE DESLOCAMENTO ESPACIAL DA POPULAÇÃO NA
AGLOMERAÇÃO URBANA DE SOROCABA-SP

Henrique Frey (IFCH-UNICAMP) - henriquefrey@yahoo.com.br

Doutorando em Demografia

Aurílio Sérgio Costa Caiado (Universidade de Sorocaba) - ascaiado@pq.cnpq.br

Doutor em Economia, Professor da Universidade de Sorocaba

Apresentação

As características da urbanização, suas implicações e consequências, têm sido objetos de estudos e análises de diferentes áreas do conhecimento que têm apontado para a importância das aglomerações urbanas não metropolitanas nos processos socioespaciais recentes.

A escolha da Aglomeração Urbana de Sorocaba¹ como estudo de caso se justifica por ser uma importante aglomeração, com mais de um milhão de habitantes, localizada em uma área de grande dinamismo econômico, no entorno da Região Metropolitana de São Paulo e ser uma região ainda pouco estudada. Acompanha, portanto, a tendência dos estudos urbanos recentes e deve contribuir para a compreensão da dinâmica de uma das partes da área que compõe a chamada macro metrópole de São Paulo, que foi contemplada marginalmente pelos estudos acadêmicos. Assim, o presente trabalho insere-se na discussão acerca da estruturação urbana e **tem como objetivo estudar o processo de ocupação do espaço na aglomeração urbana de Sorocaba-SP a partir da análise demográfica orientada pelo fenômeno migratório**. Para tanto, busca entender a dinâmica e estrutura interna da aglomeração urbana e como esta se apresenta no contexto estadual.

É importante assinalar que a discussão em torno da estruturação urbana dessa região tem como pano de fundo os desdobramentos do processo de desconcentração produtiva verificado entre as décadas de 1970-90 em âmbito nacional e, mais especificamente, no estado de São Paulo. É neste momento que ocorre a crescente urbanização e industrialização no interior do estado onde a migração intraestadual, o fortalecimento e expansão das aglomerações urbanas marcam a abertura de novas possibilidades de investigação (FARIA, 1991). Nesse sentido, a análise das transformações na rede urbana paulista apresenta-se como ponto de partida para a construção do referencial teórico-metodológico deste estudo.

De acordo com Caiado (2004) e Caiado e Santos (2003) a forte relação entre a dinâmica econômica e populacional na rede urbana paulista estaria expressa na estrutura territorial – três regiões metropolitanas (RMs), onze aglomerações urbanas (AUs) e outras cidades de porte médio – e sua interligação através dos principais eixos viários. Deste modo, o processo de redistribuição da população no estado de São Paulo teria bases na interiorização do desenvolvimento e, conseqüentemente, na alteração da divisão regional do trabalho.

Baeninger (2004) aponta para o menor crescimento das RMs e o papel de atração que as aglomerações urbanas assumem ante o processo de redistribuição da população de modo mais contundente na década de 1990: “[...] a contrapartida desse processo de menor crescimento da população metropolitana refletiu-se no expressivo crescimento da população

residente em cidades não-metropolitanas [...], especialmente quando se considera os aglomerados urbanos” (BAENINGER, 2004, p. 5).

A autora pondera que apesar de apreender novas formas de mobilidade como parte da reestruturação econômica, esses deslocamentos compõem também um novo mosaico de interações sociais (BAENINGER, 2004, p. 10). Desta forma, o eixo explicativo que vincula economia – em particular nos efeitos da desconcentração industrial a partir das regiões metropolitanas – à mobilidade espacial da população, numa relação de causa e efeito, não comporta a complexidade do processo. Baeninger sugere, então, outras perspectivas para a explicação do fenômeno migratório. Uma delas diz respeito à conceituação do espaço urbano de Villaça (2001), que é o que vamos utilizar para estudar as “novas territorialidades”.

De acordo com Villaça (2001) a localização urbana teria dois atributos: a infra-estrutura e as possibilidades de transporte e comunicação. “Dentre essas possibilidades, a de deslocamento do ser humano (para os locais de trabalho, de compras, de serviços, de lazer, etc.) dominará a estruturação do espaço intra-urbano” (VILLAÇA, 2001, p. 23). Esse princípio norteador da estruturação do espaço urbano compõe o referencial teórico-metodológico desse artigo. O autor atribui à localização no espaço urbano o ponto de partida para a análise da estruturação urbana, que seria expressa pela necessidade de deslocamento das pessoas e pela relação que os diferentes pontos do espaço estabelecem entre si: “[...] para explicar as formas urbanas – os bairros, as direções de crescimento, a forma da mancha urbana, a verticalização, densidades, etc. – é indispensável considerar as relações de determinado ponto, ou conjunto de pontos, com os demais pontos do espaço urbano.” (VILLAÇA, 2001, p. 24).

Desta forma, consideramos os movimentos migratórios de tipo urbano-urbano de curtas distâncias e a sua relação com o processo de estruturação urbana referenciada no arcabouço analítico proposto por Villaça (2001). Além do movimento migratório, as informações referentes aos deslocamentos pendulares também são de grande importância para o presente estudo. Captados somente na escala intermunicipal, e com as motivações de trabalho e/ou estudo, os movimentos pendulares adquiriram grande relevância para a análise do desenvolvimento regional recente em São Paulo. Estas duas modalidades de deslocamentos na AU de Sorocaba foram mensuradas e qualificadas a partir dos dados do Censo Demográfico do ano 2000.

Tendo em vista a relação entre o processo de redistribuição populacional e as transformações socioespaciais, cabe afirmar que este estudo parte da **hipótese de que a mobilidade intra-aglomeração urbana e inter-regional define os contornos da região de Sorocaba**. É importante salientar que não se pretende com tal proposição apresentar uma relação de causa e efeito na qual o fenômeno migratório independe de outros processos

sociais, mas assumir que o processo de redistribuição da população incide decisivamente sobre a expansão da malha urbana. De outro modo, dizer que a migração apenas expressa certos processos espaciais significa desconsiderar a importância desta dinâmica diante dos avanços e possibilidades recentes de locomoção individual ou coletiva das pessoas, seja no trajeto casa-estudo, trabalho, compras ou lazer.

Migração em São Paulo nos anos 1980 e o processo de interiorização econômica

O processo de redistribuição da população no espaço acompanhou o sentido da desconcentração produtiva no estado de São Paulo entre as décadas de 1970-1990. Esta é uma das características apontadas pela vasta literatura que versa sobre o tema. Nesse aspecto, ressalta-se a ação dos governos militares do final da década de sessenta e início de setenta.

Foi na segunda metade dos anos 1970 que a interiorização do desenvolvimento econômico a partir da região metropolitana de São Paulo se deu com maior ímpeto: pela implementação do II PND e pelo financiamento de projetos do governo estadual para a ampliação da infra-estrutura – principalmente do sistema viário. Estes novos investimentos se utilizaram das estruturas produtivas e urbanas pré-existentes, construídas principalmente no período do café, e consolidaram os pólos de atração econômica e populacional no estado.

Nestes termos, num primeiro estágio, a redistribuição da população no espaço acompanha a dinâmica de desconcentração produtiva para o estado, perfazendo uma possibilidade analítica. A partir da segunda metade da década de 1980 a intensificação dos fluxos populacionais para o interior paulista indica a ocorrência de diferentes processos uma vez que os deslocamentos acontecem apesar da diminuição do ritmo das atividades econômicas².

Nesta fase de reorganização produtiva pautada pela “flexibilização”³ a “decisão” de migrar envolveria outras dimensões, como por exemplo: “[...] redes familiares, violência urbana, qualidade de vida, bem como a possibilidade de acesso a determinadas políticas sociais, como saúde, educação, habitação, serviços de infra-estrutura básica etc..” (PACHECO et al, 2000, p. 388). É neste contexto de industrialização e urbanização crescentes que se verifica a inflexão das tendências das modalidades migratórias onde a estruturação da rede urbana estadual oferece importantes elementos para a compreensão desta dinâmica (BAENINGER, 1994).

O decréscimo nas taxas de crescimento apresentadas para a RMSP compõe esse quadro de mudanças da dinâmica migratória paulista. As trocas interestaduais ganham novos traços com a intensificação da migração de retorno e diminuição do volume de entradas de todas as regiões do país.

Assim, as trocas intraestaduais explicitariam a alteração do sentido e intensidade dos fluxos e revelariam a nova face do processo de redistribuição da população no espaço. É a partir disso que se apreende a especificidade dos movimentos migratórios no estado de São Paulo nos anos 1980: o interior como campo da desconcentração populacional, em detrimento da RMSP (PACHECO et al, 2000; PATARRA et al, 1997). De acordo com Pacheco et al (2000), é a primeira vez que a RMSP contabilizou perda nas trocas migratórias líquidas com o interior do estado: aproximadamente 290 mil pessoas, o que é um forte indício do ritmo do processo de interiorização da população paulista.

Os resultados da Pesquisa Regional por Amostra Domiciliar (PRAD)⁴ corroboram as mudanças na dinâmica migratória para o estado de São Paulo. Dentre eles, a baixa expressividade dos fluxos de tipo rural-urbano frente aos deslocamentos de tipo urbano-urbano; a diminuição dos movimentos interestaduais de longa distância e o aumento da importância dos fluxos de curtas distâncias, evidenciando uma dinâmica inter e intra-regional.

Ao decompor as migrações entre inter e intraestaduais, a PRAD encontrou números superiores a setenta por cento para as migrações circunscritas ao território paulista para a grande maioria das regiões analisadas, exceção feita à RMSP onde 59,42% dos fluxos tiveram origem no próprio estado. O maior valor encontrado foi para a região de Sorocaba que registrou 87,28% dos movimentos realizados em São Paulo e, mesmo o menor valor (69,26%) verificado em Ribeirão Preto mostra a importância de tal deslocamento.

Tabela 1. Principais tendências migratórias intraestaduais, Estado de São Paulo
Regiões da PRAD – 1980/93

Localidade de Residência Atual	% Intraest/ Total	% Inter-regional	% Intra-regional	% Inter-reg/ Intraest	% Intra-reg/ Intraest	% RMSP/ Inter-reg
RMSP	59,42	15,29	44,13	25,73	74,27	-
RMC	79,58	59,38	20,20	74,62	25,38	29,78
RM Santos	74,91	41,96	32,95	56,01	43,99	66,66
Sorocaba	87,28	55,40	31,88	63,47	36,53	56,17
Campinas	71,96	52,50	19,46	72,96	27,04	39,85
Ribeirão Preto	69,26	46,49	22,77	67,12	32,88	46,64
S. J. R. Preto	76,98	41,28	35,70	53,62	46,38	52,87
S. J. Campos	72,59	51,19	21,40	70,52	29,48	61,07
Bauru	82,39	60,14	22,25	72,99	27,01	42,22
Pres. Prudente	82,05	53,01	29,04	64,61	35,39	47,32

Fonte: Elaborado a partir dos resultados da PRAD. In: Baeninger (1997, p. 55; 58-59).

Os dados da Tabela 1, acima, apresentam ainda o percentual total do fluxo intraestadual detalhado, possibilitando uma leitura mais rica quanto às especificidades dos movimentos migratórios. Assim, pode-se perceber a recorrência das trocas inter-regionais para todas as regiões selecionadas pela pesquisa, com destaque para a RMC, com 74,62% sobre o total intraestadual. Essa região, todavia, distingue-se das demais no que se refere ao peso relativo da migração a partir da RMSP – são apenas 29,78% do total das trocas inter-regionais –, o que indica que o processo de desconcentração populacional paulista, tratado até aqui, atinge diferencialmente cada uma das localidades.

A leitura desses dois indicadores sugere que a região metropolitana de Campinas exerce forte atração sobre as demais regiões do estado, o que marca a sua especificidade no cenário estadual. Para outros importantes pólos de atração econômica e populacional como a região metropolitana de Santos e as regiões de Sorocaba e São José dos Campos, verifica-se uma dinâmica diferente daquela observada para a RMC. Isso porque a composição dos fluxos inter-regionais apresenta números próximos a sessenta por cento para os deslocamentos oriundos da principal região metropolitana paulista.

A RMSP por sua vez demonstra dinâmica distinta. Continua a ser o principal destino dos migrantes de outras unidades da federação, apesar da diminuição do volume e taxas de migração. No que diz respeito às mudanças de residência intraestaduais, esta região também tem uma particularidade, pois os deslocamentos no espaço metropolitano respondem por quase três quartos das trocas intraestaduais.

Uma das principais contribuições da PRAD, no entanto, diz respeito à apreensão de novas modalidades migratórias observadas em função do processo de regionalização proveniente da intensa urbanização e diversificação das atividades econômicas que

[...] fez emergir novas modalidades de deslocamentos populacionais, particularmente entre cidades vizinhas, configurando os movimentos pendulares – de fato, a PRAD revelou que cerca de 20% da população amostrada no estado de São Paulo trabalhava, em 1993, em município diferente do de residência. (PATARRA, 1997, p. 14)

A prevalência dos deslocamentos de curta distância apontado na década de 1990 como uma das principais mudanças e características dos movimentos migratórios no estado de São Paulo se confirmaria, pelos dados do Censo 2000, como uma tendência do processo de redistribuição espacial da população.

Importante destacar que a emergência desta modalidade de deslocamento se deve, principalmente, à flexibilização nas relações de trabalho – que reduz as exigências de

proximidade entre casa e trabalho, pois este deixa de ser exercido em um único local (terceirização) ou, em muitos casos, tem um horizonte temporal mais reduzido (maior rotatividade) – e ao padrão de urbanização vigente nas grandes cidades paulistas. Isso porque, por um lado, o preço da terra urbana e a valorização imobiliária têm deslocado permanentemente parcela da população com menor poder aquisitivo para as periferias, distantes das regiões onde se localiza grande parte do emprego e onde estão os principais serviços sociais e coletivos. Por outro lado, a interiorização do desenvolvimento engendrou, fora da RMSP, um padrão de urbanização no qual o mercado imobiliário atuou na ampliação da verticalização das cidades, na implantação de condomínios fechados horizontais para a classe média e na construção de grandes equipamentos de consumo. A contraface desse padrão de urbanização foi a ampliação do número de favelas, cortiços e bairros sem infra-estrutura fora da metrópole paulistana, conforme estudado por Caiado (1995). Não menos importante para justificar a ampliação dos movimentos pendulares em São Paulo é a mobilidade. De fato, a melhoria no sistema de transporte rodoviário e o aumento dos congestionamentos na capital possibilitaram a ampliação da distância entre casa e trabalho com manutenção do tempo despendido nos deslocamentos, para a parcela da população com renda suficiente para morar nos bairros com melhor infra-estrutura e serviços ou para residir em loteamentos ou bairros localizados em outros municípios mais afastados.

Entretanto, ao que parece, a redução da exigência de proximidade entre casa e trabalho e a possibilidade de residir em outros municípios fora da metrópole paulistana, só vigora para parcela da população. Em que pese a generalização da flexibilização das relações de trabalho estas não ocorrem para o mercado de trabalho em geral, pois somente os trabalhadores com remunerações mais elevadas têm certa autonomia na decisão locacional de sua moradia na cidade.⁵ Grande parte dos trabalhadores possui, como opção de moradia, os bairros pouco urbanizados, com precário sistema viário e serviços deficientes de transportes coletivos, despendendo muito tempo nos deslocamentos casa–trabalho⁶.

AU de Sorocaba: dinâmica populacional e urbana

Os processos simultâneos e complementares que abarcam a dinâmica econômica e populacional, sobretudo a partir da década de 1970, e que engendraram as transformações da rede urbana paulista mostram a importância da utilização de menores escalas territoriais de análise, com vistas a expressar, de forma mais aproximada, a integração entre o local e o regional. Não se trata, todavia de tentar construir espaços homogêneos – o que seria impróprio,

uma vez que as relações sociais e econômicas são pautadas pela desigualdade –, mas de relacionar situações e realidades comuns.

Assim, a reestruturação dos eixos de desenvolvimento demanda novos recortes espaciais uma vez que o território constitui-se de maneira fragmentada, não obstante, articulada e integrada. Com base nisso e amparado por indicadores econômicos e demográficos, estudo sobre a rede urbana brasileira (IPEA et al, 2001) classificou as aglomerações urbanas. Este levantamento identificou nas diferentes aglomerações analisadas os seguintes processos: novos padrões de articulação das economias regionais, novos recortes territoriais, novas espacialidades e novos padrões de mobilidade espacial da população. É o que mostram os dados observados ao longo do tempo: uma dinâmica urbana, populacional e econômica diferenciada para a porção territorial circunscrita à Aglomeração Urbana de Sorocaba em detrimento dos demais recortes territoriais⁷, geralmente utilizados.

De acordo com os primeiros resultados do censo de 2010, a Aglomeração Urbana de Sorocaba conta com uma população de mais de um milhão de habitantes. O município mais populoso é a sede, Sorocaba, que, com quase seiscentas mil pessoas concentra cerca de 50% dos habitantes da AU. Outros municípios com maior participação percentual sobre o total da aglomeração urbana são Itu, Salto e Votorantim, todos com mais de cem mil pessoas. São estas localidades que também acusam grau de urbanização mais elevado e, conseqüentemente exercem peso importante sobre a urbanização da AU de Sorocaba.

Tabela 2. População total, taxas de crescimento populacional e grau de urbanização da AU de Sorocaba por municípios, 2000 e 2010

Localidade	População		Taxa crescimento (% a.a.)			Grau de urbanização (2010)
	2000	2010	1980-91	91-2000	2000-10	
Alumínio*	15.252	16.845	-	-	1,0	83,9
Araçoiaba da Serra	20.112	27.323	5,0	3,7	3,1	68,8
Iperó	18.384	28.301	4,4	6,3	4,4	61,7
Itu	135.366	154.200	3,4	2,6	1,3	93,6
Mairinque	39.975	43.225	3,1	2,8*	0,8	80,3
Piedade	50.131	52.214	1,8	1,6	0,4	45,5
Salto	93.159	105.569	5,0	2,9	1,3	99,3
Salto de Pirapora	35.072	40.141	5,1	3,7	1,4	78,4
São Roque	66.637	78.873	2,3	0,5	1,7	90,7
Sorocaba	493.468	586.311	3,1	3,0	1,7	99,0
Votorantim	95.925	108.872	3,9	1,9	1,3	96,2
AU Sorocaba	1.063.481	1.241.874	3,3	2,6	1,6	92,3

Fonte: IBGE. Censos demográficos 1980, 1991 e 2000; Resultados do Censo 2010.

Nota: * O município de Alumínio emancipou-se de Mairinque no ano de 1991. Para efeito de comparação da rede urbana, no cálculo do período 1991/2000 os dados de ambos os municípios foram agregados.

Houve significativa redução do ritmo de crescimento populacional na AU no último decênio, passando de uma taxa de 2,6% para 1,6% a.a. Neste aspecto chama atenção os números registrados nos municípios de Iperó e Araçoiaba da Serra, uma vez que se mantiveram acima da média da aglomeração durante todo o período analisado. Souza (1992) associa estes números à implementação do projeto Aramar, no município de Iperó. No que se refere à Araçoiaba da Serra, Frey (2010) apontou que os valores encontrados podem ter relação com o processo de expansão imobiliária recente de Sorocaba que extrapola os limites municipais a partir da duplicação da Rodovia Raposo Tavares em meados da última década. A partir de então, foi significativamente ampliada a oferta de condomínios horizontais e de chácaras em Araçoiaba, principalmente ao longo daquela rodovia.

Ainda com relação às taxas de crescimento populacional, é importante sublinhar que Sorocaba está entre os municípios com valores mais elevados em todo o período analisado. Tal ponto carece ainda de investigação, mas pode revelar uma especificidade da sede desta aglomeração urbana se comparado com as sedes das regiões metropolitanas. À diferença das regiões metropolitanas de São Paulo e de Campinas, por exemplo, que o entorno cresce a ritmo mais intenso que o núcleo – em parte pelo que a literatura chamou nos anos 1980 de processo de periferização – na AU de Sorocaba, mesmo que coexistam distintos processos socioespaciais, na sede ainda constata-se acentuada dinâmica populacional.

Dinâmica de redistribuição espacial da população

A análise mais cuidadosa para a área delimitada por este estudo traz evidências mais contundentes sobre o cenário de alterações dos tipos e modalidades migratórias no decorrer do tempo. Vale lembrar que tal esforço também foi feito por Baeninger (1997; 1998), Pacheco et al (2000), Cunha (1997), dentre outros.

Para a finalidade deste estudo, interessa aprofundar a análise acerca dos fluxos inter e intraestaduais e entender a relação entre migração e estruturação do espaço na AU de Sorocaba. Os movimentos migratórios intraestaduais serão analisados apenas a partir do quesito de município de residência no ano de 1995. Isso porque o censo demográfico de 2000 não perguntou a respeito do município de residência anterior⁸ (última etapa migratória) do indivíduo, como no caso da UF.

Os deslocamentos de curtas distâncias representam mais de setenta e cinco por cento do fluxo total para a aglomeração urbana de Sorocaba. O que sugere de antemão que a inflexão das modalidades migratórias verificadas para o estado de São Paulo nos anos 1980 se

verifica, no decorrer do decênio seguinte, como uma tendência. É o que demonstra a Tabela 3, a seguir.

Convém, no entanto, fazer uma ressalva sobre o uso do termo curta distância. A literatura trata o deslocamento feito dentro dos limites estaduais, “intraestaduais” como sendo de curta distância. De modo que, para o indivíduo que se mudou de Itu para Sorocaba, por exemplo, e para o indivíduo que residia no extremo oeste do estado de São Paulo e chegou na AU de Sorocaba (percorrendo uma distância aproximada de 600 km), dispensa-se igual tratamento, não obstante revelarem processos distintos.

Nestes termos e, para as pretensões deste artigo, deve-se sublinhar que além da mudança dos limites do deslocamento, o processo de redistribuição espacial da população na AU de Sorocaba envolve e exprime uma dinâmica regional. É o que mostrou o arrolamento dos dados, pois, cerca de 75% do fluxo intraestadual teve origem em municípios da própria AU, das RMs de São Paulo e Campinas e em municípios próximos, como Jundiaí, Porto Feliz, Ibiúna, Boituva, Pilar do Sul e Itapetininga. Isto é, trata-se de dinâmica circunscrita a um raio de aproximadamente 100 km.

Os números atestam que o processo de ocupação recente da AU de Sorocaba envolve diferentes dinâmicas e atinge diferencialmente cada um dos municípios. A sede, por exemplo, é o município que recebe a maior parte dos migrantes: 40.720 ao todo. Tem o maior peso em todas as modalidades consideradas e apresenta trocas populacionais com todos os municípios. No entanto, na dinâmica intra-AU tem menor participação sobre as entradas além de ser o município que mais perde população, principalmente para Votorantim⁹.

No que se refere aos movimentos migratórios inter-regionais, constata-se a significativa participação da RMSP para a composição do quadro dos fluxos intraestaduais: as quase 28 mil pessoas representam 40% do total. Neste caso, além da sede, os municípios de Itu e Salto têm significativa participação. O destaque, ademais, fica por conta de São Roque, residência de cerca de 10% das pessoas que deixaram a principal região metropolitana paulista. Para tanto é imprescindível destacar dois importantes eixos viários que ligam as duas áreas: as rodovias Castelo Branco e Raposo Tavares.

Tabela 3. Matriz migratória AU de Sorocaba e demais fluxos migratórios de pessoas de quinze anos ou mais por data fixa e município de residência atual, 2000

Município de residência em 1995	Município de residência atual									
	Alumínio	Araçoiaba da Serra	Iperó	Itu	Mairinque	Piedade	Salto	Salto de Pirapora	São Roque	Sorocaba
Alumínio	-	0	0	34	108	11	0	0	39	22
Araçoiaba da Serra	0	-	0	0	0	9	23	62	0	56
Iperó	0	0	-	0	0	0	0	0	0	26
Itu	0	15	27	-	32	5	1.352	16	11	53
Mairinque	154	0	29	144	-	0	0	0	400	23
Piedade	5	10	11	27	0	-	0	95	17	39
Salto	0	0	4	529	52	7	-	0	0	13
Salto de Pirapora	10	36	0	35	0	33	0	-	0	29
São Roque	105	0	67	19	661	0	0	0	-	28
Sorocaba	141	778	643	369	132	284	180	739	228	-
Votorantim	20	109	0	5	14	137	49	219	26	1.5
Total Intra-AU	435	948	781	1.162	999	486	1.604	1.131	721	4.4
RMSP	244	822	1.527	3.246	1.293	764	2.029	1.231	2.449	13.3
RMC	25	0	92	440	66	20	426	31	68	1.1
Outros SP	216	450	592	2.533	749	1.066	1.758	720	1.103	12.1
Total Intraestadual	920	2220	2992	7.381	3107	2336	5.817	3.113	4341	31.1
Total Interestadual	459	232	336	3.958	1.116	1.082	2.257	555	1.553	9.5
Total	1.379	2.452	3.328	11.339	4.223	3.418	8.074	3.668	5.894	40.7

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

Ainda de acordo com a Tabela 3 cabe mencionar os fluxos a partir da RMC, área de onde saíram menos pessoas com destino à AU (2.377) – representam apenas 3,4% do total de deslocamentos feitos em território paulista. Interessa, todavia, o vínculo com o município-sede e também com os municípios de Itu e Salto. A ligação entre as duas áreas é feita pela rodovia Santos Dumont, passando pelos três municípios até chegar a Indaiatuba e Campinas.

A dinâmica de redistribuição espacial da população na AU de Sorocaba guarda um elemento que evidencia uma dinâmica específica sobre os demais fluxos para esta área. A rotatividade de pessoas entre os municípios da aglomeração é marcada através das pouco mais de dezesseis mil pessoas que trocaram de município. Em termos percentuais estes números representam cerca de um quarto do fluxo total. À diferença dos fluxos inter-regionais que exprimem a concentração das pessoas vindas de outros municípios do estado de São Paulo em Sorocaba, a distribuição para as trocas intra-regionais mostra maior participação dos demais municípios da aglomeração tanto nas entradas (município de residência atual) quanto nas saídas (município de residência em 1995).

Há de se ressaltar também os valores encontrados para o município de Votorantim. São 3.462 pessoas que se mudaram para este município – 21,4% dos deslocamentos intra-AU. O detalhamento dos fluxos para a AU de Sorocaba evidencia ainda a existência de sub-centros regionais, seja na relação com as regiões metropolitanas ou nos limites da aglomeração urbana. Verifica-se, deste modo, no corredor AU de Sorocaba→RMSP (via Raposo Tavares e Castelo Branco) um sub-centro formado por Alumínio, Mairinque e São Roque¹⁰ e, no eixo AU de Sorocaba→RMC um segundo sub-centro composto pelos municípios de Itu e Salto.

Movimentos pendulares na AU de Sorocaba: dinâmica intra ou inter-regional?

Os dados do Censo Demográfico de 2000 sobre os deslocamentos pendulares indicam que o estado de São Paulo respondia por cerca de 30% da população de quinze anos ou mais que trabalhava ou estudava em município diferente daquele de residência em âmbito nacional. Dentro dos limites paulistas, a regionalização do cotidiano é verificada pelos quase dois milhões de pessoas – sete por cento da população do estado – que fazem esse deslocamento.

Tabela 4. População de 15 Anos ou Mais, segundo o Local de Trabalho ou Estudo*
Brasil e Estado de São Paulo – 2000

Local de Trabalho ou Estudo	Brasil		São Paulo	
	Números Absolutos	%	Números Absolutos	%
Trabalhavam ou estudavam no município de residência	69.685.591	58,3	15.350.279	56,5
Não trabalhavam nem estudavam	43.031.522	36,0	9.911.972	36,5
Trabalhavam ou estudavam em município diferente do de residência	6.818.188	5,7	1.902.688	7,0
TOTAL	119.556.675	100,0	27.164.939	100,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000.

Nota: * Para o Estado de São Paulo foram considerados apenas os deslocamentos pendulares intraestaduais, mas para o Brasil os números se referem ao total de deslocamentos de pessoas com 15 anos ou mais.

Associado aos processos de periferização e metropolização durante os anos 1980, os deslocamentos pendulares têm certa relação com a redistribuição espacial da população (CUNHA, 1994). Apesar de revestir-se de outras características nos dias de hoje, como o movimento de parcela da população de mais alta renda para bairros planejados, afastados dos problemas dos grandes centros urbanos e ligados à natureza – os *Alphavilles*, *Ecovilles*, etc. –, esse tipo de mobilidade ainda se dá em maior escala nas regiões metropolitanas, principalmente na de São Paulo, onde mais de um milhão de pessoas trabalha em municípios diferentes do que reside.

No entanto, estudo da Fundação SEADE (2008) mostra a importância da pendularidade também para as aglomerações urbanas paulistas: são mais de 250 mil pessoas que realizam estes deslocamentos. Valor que corresponde a 5,4% da população dessas áreas, sendo que “Nas AUs de São José dos Campos, Jundiaí e Sorocaba, ocorrem os maiores volumes de deslocamentos pendulares, superiores a 43 mil pessoas. Em termos relativos, o destaque fica para a AU de Jundiaí, onde 11% da população realiza este tipo de movimento.” (SEADE, 2008, p. 44)

Na AU de Sorocaba o percentual de comutadores¹¹ sobre o total da população é de 6,5%, valor um pouco superior ao encontrado para o conjunto das AUs do estado, sendo que os dados revelam tratar-se, sobretudo de dinâmica intra-regional. Os fluxos registrados entre os municípios da aglomeração perfazem 64% do total dos deslocamentos dessa localidade. Outros 16,5% que residem na AU trabalham ou estudam na RMSP, 4,7% na RMC, 12,6% em outros municípios do estado de São Paulo e apenas 2,1% daqueles que se deslocam para esta finalidade, dirigem-se a outros estados ou países.

Assim, dos pouco mais de 50 mil deslocamentos pendulares feitos a partir da aglomeração urbana de Sorocaba cabe destacar a importância da dinâmica regional, pois quase 90% do fluxo¹² se dá num raio aproximado de 100 km. Essa análise reforça os apontamentos preliminares acerca dos papéis desempenhados e funções urbanas das diferentes localidades – a sede e as sub-regiões, já destacadas –, seja para as trocas nos limites da AU de Sorocaba ou para os movimentos inter-regionais.

É preciso sublinhar a importância do município de Votorantim, em especial para a compreensão da dinâmica intra-regional, uma vez que fornece o maior contingente de comutadores (14.860). Os valores registrados para as saídas de Votorantim chamam a atenção, pois praticamente se restringem a Sorocaba. O número total de pessoas que realiza movimento pendular a partir deste município se assemelha à população de quinze anos ou mais dos municípios de Alumínio, Araçoiaba da Serra e Iperó. Ainda no que diz respeito às saídas, sobressaem os valores encontrados para Sorocaba e Salto, além dos municípios de São Roque, Salto de Pirapora, Itu e Mairinque que têm considerável participação.

A sede da aglomeração urbana é a principal responsável pelos movimentos pendulares inter-regionais, sobretudo com destino à RMSP (são 3.717 pessoas). Ademais, assim como se verificou para os movimentos migratórios envolvendo a esta região, os dados referentes aos deslocamentos inter-regionais expõem a primazia de outros dois municípios: São Roque e Itu. No caso dos fluxos com destino à região metropolitana de Campinas ressalta-se ainda a participação do município de Salto.

Outro dado interessante diz respeito à proporção de pessoas de quinze anos ou mais que realiza movimento pendular sobre o total populacional. Os municípios de Salto e Araçoiaba da Serra têm cerca de 10% da população nesse processo, Mairinque e Salto de Pirapora, 11,4% e 13,0%, respectivamente e Votorantim onde quase 22% da população realiza este movimento diário.

Tabela 5. Matriz de movimentos pendulares AU de Sorocaba e demais deslocamentos de pessoas com segundo município de trabalho ou estudo x município de residência, AU Sorocaba, 2000

Município de Trabalho ou estudo	Município de residência									
	Alumínio	Araçoiaba da Serra	Iperó	Itu	Mairinque	Piedade	Salto	Salto de Pirapora	São Roque	Sorocaba
Neste município	5.443	7.113	6.314	60.928	14.311	21.613	35.915	10.410	27.084	20.000
Não trabalha, nem estuda	4.556	6.147	5.987	34.003	10.614	12.968	24.988	11.024	17.973	10.000
Alumínio	-	12	0	0	697	0	0	11	210	0
Araçoiaba da Serra	0	-	26	0	0	11	10	40	0	0
Iperó	4	6	-	0	0	9	0	0	0	0
Itu	16	0	0	-	38	10	3.632	43	61	0
Mairinque	238	0	23	69	-	0	23	29	496	0
Piedade	0	0	0	0	0	-	0	15	0	0
Salto	0	7	0	423	0	0	-	13	0	0
Salto de Pirapora	0	0	0	0	0	17	0	-	0	0
São Roque	133	0	0	39	1.331	16	0	0	-	0
Sorocaba	179	1.152	310	588	352	425	194	2.484	254	0
Votorantim	11	49	0	0	26	80	7	235	0	0
Total Intra-AU	581	1.226	359	1.119	2.444	568	3.866	2.870	1.021	0
RMSP	81	127	44	932	360	224	477	166	1.738	0
RMC	10	6	9	503	20	21	1.017	35	53	0
Outros SP	46	97	276	647	346	424	692	116	907	0
Outros UF/País	19	0	10	68	34	74	72	28	73	0
Total de deslocamentos	737	1.456	698	3.269	3.204	1.311	6.124	3.215	3.792	0
População Total	10.736	14.716	12.999	98.200	28.129	35.892	67.027	24.649	48.849	30.000

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000. Elaboração própria.

No que se refere à dinâmica intra-AU, os números acima mostram que a sede recebe a maior parte dos comutadores da aglomeração, quase 20 mil pessoas, valor que representa 60% dos deslocamentos intra-AU. Esse é o principal destino das pessoas que realizam movimento pendular a partir de Araçoiaba da Serra e Salto de Pirapora – além de Votorantim, conforme já destacado.

Os dados da Tabela 5 reforçam os papéis dos sub-centros regionais na aglomeração urbana. Os deslocamentos apreendidos ao longo do eixo formado pelos municípios de Alumínio, Mairinque e São Roque são bastante característicos deste processo. Dos três municípios, o que apresenta o maior volume de deslocamentos é Mairinque, com 2.444 pessoas, seguido por São Roque com 1.021 e Alumínio com 581 pessoas. Nota-se que a maior parte destes deslocamentos se dá entre as três localidades e destas com a RMS. Verifica-se dinâmica semelhante entre os municípios de Itu e Salto e destes com a RMC.

Conforme já apontado, o levantamento de dados sobre os movimentos pendulares não diferencia os indivíduos que estudam daqueles que trabalham. Alguns trabalhos (SEADE, 2008; OJIMA, 2007) afirmam, contudo, que os deslocamentos relacionados a trabalho são maioria. É o que sugerem os números sobre o movimento pendular na AU de Sorocaba, uma vez que a sede e o município de Itu recebem parcela mais alta de comutadores. Pode-se afirmar que as duas localidades exercem forte atração sobre os demais municípios. A sede, por concentrar grande parte da oferta de empregos na indústria, comércio e serviços da AU e Itu, que polariza parte das funções da sub-região ao norte da aglomeração. Os municípios de Votorantim, Salto e Salto de Pirapora, por outro lado, expressam a acentuada dependência sobre outras localidades.

De qualquer modo, é imprescindível sublinhar a semelhança entre a matriz acerca dos deslocamentos pendulares com os dados apresentados na matriz sobre as trocas migratórias intra-AU por data fixa. Guardadas as devidas proporções, a verifica-se acentuada intensidade dos fluxos entre as mesmas localidades: nos sub-centros regionais e também entre a sede e alguns municípios do seu entorno. Este é um importante indicativo da relação entre redistribuição espacial da população e a estruturação do espaço na AU de Sorocaba.

Considerações finais

O estudo partiu das transformações recentes da rede urbana paulista em que se sublinha a existência de uma extensa e articulada rede de cidades organizadas em três regiões metropolitanas e onze aglomerações urbanas que concentram mais de três quartos da população estadual. Os desdobramentos do processo histórico de

produção e reprodução do espaço na aglomeração urbana de Sorocaba associada à urbanização e industrialização crescentes, sobretudo a partir da década de 1970, colocam essa região como um dos pólos de atração econômica e populacional do estado de São Paulo.

No que se refere à dinâmica migratória, a importância dos deslocamentos intraestaduais revela a prevalência de dinâmica regional. Corrobora esta afirmação o fato de mais de três quartos das migrações recentes com origem no próprio estado terem saído de municípios das regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas, de localidades no entorno da AU e também dos municípios da aglomeração urbana. Tendo em vista os valores encontrados para o movimento migratório inter-regional e intra-AU por data fixa nesta aglomeração urbana pode-se afirmar que este componente da dinâmica demográfica tem papel decisivo sobre a expansão e conformação dos contornos da região de Sorocaba.

O presente trabalho mostrou ainda que o município-sede desempenha importante papel na articulação da aglomeração urbana como um todo, seja a partir da dinâmica econômica e populacional ou ainda pelo caráter central no que se refere às funções urbanas. Neste aspecto deve-se sublinhar a localização de equipamentos públicos, a oferta de empregos, serviços e a rede de consumo.

Assim, para uma análise acerca da estrutura da AU, deve-se considerar a centralidade do município de Sorocaba e os dados relativos ao deslocamento da população, principalmente aqueles que trazem a dimensão cotidiana dos indivíduos a partir dos deslocamentos pendulares. Se associados às transformações recentes nos principais eixos de ligação entre os municípios da aglomeração urbana de Sorocaba e a ampliação e diversificação dos meios de locomoção coletiva ou individual da população, colocam a questão do processo mais amplo de estruturação do espaço urbano (VILLAÇA, 2001). É a relação entre cada um dos espaços de vida dos indivíduos – a moradia, o trabalho ou o lazer – que orientam a estruturação do espaço urbano. Nesse sentido é imprescindível mencionar ainda a articulação dos processos socioespaciais da AU de Sorocaba a partir dos sub-centros regionais observados ao longo dos sistemas Castelo Branco-Raposo Tavares e Marechal Rondon-Santos Dumont, nas ligações com a RMSP e a RMC, respectivamente.

Ainda no que diz respeito à dinâmica intra-AU é imprescindível pensar nos desmembramentos municipais ao longo do tempo para pensar na configuração de espacialidades para os movimentos populacionais, como no caso do eixo composto pelos municípios de São Roque, Mairinque e Alumínio ou nos fluxos observados entre Sorocaba e Votorantim.

Apontado como elemento de regionalização do cotidiano (SEADE, 2008), o alto percentual de deslocamentos pendulares realizados dentro dos limites da AU de Sorocaba revela que do ponto de vista do processo de redistribuição espacial da população, a dinâmica e estrutura da aglomeração urbana é, substancialmente, endógena. Ou seja, mesmo havendo forte relação e integração com as regiões metropolitanas, em especial com São Paulo, os deslocamentos espaciais da população concentram-se na AU de Sorocaba.

Para finalizar é importante destacar que a integração destes espaços aponta para a necessidade de se entender e aprofundar a verificação acerca das conexões entre os municípios da AU de Sorocaba e colocá-las sob perspectiva de análise mais ampla, como as escalas de planejamento urbano e regional.

Referências

- BAENINGER, R. Interiorização da Migração em São Paulo: novas territorialidades e novos desafios teóricos. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, 2004, Caxambu, MG. **Anais...** ABEP, 2004.
- _____. Homogeneização de tendências populacionais em São Paulo: o papel dos pólos regionais no processo de urbanização e de redistribuição espacial da população. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 9, 1994, Caxambu, MG. **Anais...** ABEP, 1994.
- _____. Cenário migratório recente: o que a PRAD revela. In: PATARRA, N. L. et al (orgs.) **Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993**. Campinas-SP: UNICAMP-IE, 1997. p. 53-74.
- _____. Deslocamentos populacionais urbanização e regionalização. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, n. 15, v. 2, p. 67-81, 1998.
- _____.; SIQUEIRA, C. G. Pólo econômico de Sorocaba. Dinâmica Demográfica. In: DEDECCA, C.; MONTALI, L.; BAENINGER, R. (orgs.). **Regiões Metropolitanas e Pólos Econômicos do Estado de São Paulo: desigualdades e indicadores para as Políticas Sociais**. FINEP/NEPP/NEPO/IE-UNICAMP: Campinas-SP, 2009. Disponível em <<http://www.nepo.unicamp.br/simesp/Site/Estudos/SOROC.pdf>>
- CAIADO, A. S. C.. Migração e Rede Urbana: estudo da mobilidade demográfica nas principais aglomerações urbanas do estado de São Paulo na década de 1990. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, 2004, Caxambu, MG. **Anais...** ABEP, 2004.
- _____. Dinâmica socioespacial e a rede urbana paulista. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação SEADE, v. 9, n. 3, p. 46-53, jul./set. 1995.
- _____.; SANTOS, S. M. M. Fim da dicotomia rural-urbano? – um olhar sobre os processos socioespaciais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação SEADE, v. 17, n. 3-4, Jul-Dez 2003.
- CUNHA, J. M. P. **Mobilidade populacional e expansão urbana: o caso da Região Metropolitana de São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-UNICAMP, Campinas, 1994.
- CUNHA, J. M. P. População e mobilidade espacial: características e transformações dos fluxos migratórios nas regiões paulistas. In: PATARRA, N. L. et al (orgs.) **Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993**. Campinas-SP: UNICAMP-IE, 1997. p. 75-96.

_____.; BAENINGER, R. **Las migraciones internas en el Brasil Contemporáneo**. Notas de Población, CEPAL/CELADE, Año XXXII, n. 82, 2007.

FARIA, V. Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 29, Mar/91, p. 98-119, 1991.

FREY, H. **O processo de ocupação do espaço urbano na cidade de Sorocaba e sua região**. Dissertação (Mestrado em Demografia), IFCH-UNICAMP: Campinas-SP, 2010.

FUNDAÇÃO SEADE. **Relatório de pesquisa do projeto Urbanização dispersa e mudanças no tecido urbano**. SEADE: São Paulo, abr/2008.

FUNDAÇÃO SEADE. **Informe demográfico nº. 1: Evolução urbana e rural nas 11 Regiões Administrativas do Estado de São Paulo**. São Paulo: SEADE, 1980.

GOTTDIENER, M. A teoria da crise e a reestruturação socioespacial: o caso dos Estados Unidos. In: VALLADARES, L.; PRETECEILLE, E. (Org.). **Reestruturação urbana: tendências e desafios**. São Paulo: Nobel, 1990.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 10ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

IPEA; IBGE; NESUR-IE-UNICAMP; SEADE. **Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil. Redes urbanas regionais: Sudeste**. Brasília: IPEA, v. 1, 2001.

MATOS, R. Aglomerações urbanas, rede de cidades e desconcentração demográfica no Brasil. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 12, 2000. **Anais...** Caxambu-MG: ABEP, 2000.

MATOSO, J. E. L. O novo e inseguro mundo do trabalho nos países desenvolvidos. In: OLIVEIRA, C.A. et al (org.). **O mundo do trabalho: crise e mudança no final do século**. São Paulo: Página Aberta, 1994. p. 521-562.

MOTA JUNIOR, V. D. **Atores, estratégias e motivações na criação de municípios paulistas nos períodos democráticos pós-1946: Um estudo na Região Administrativa de Sorocaba**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), IFCH-UNICAMP, Campinas-SP, 2006.

OJIMA, R. **Análise comparativa da dispersão urbana nas aglomerações urbanas brasileiras: elementos teóricos e metodológicos para o planejamento urbano e ambiental**. Tese (Doutorado em Demografia), IFCH-UNICAMP, Campinas-SP, 2007.

PACHECO, C. A. et al. Análise demográfica do estado de São Paulo. In: PACHECO, C. A.; PATARRA, N. L. (orgs.) **Dinâmica demográfica regional e as novas questões populacionais no Brasil**. Campinas-SP: UNICAMP-IE, 2000. (Coleção Pesquisas 4)

_____.; PATARRA, N. L. Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões? In: PATARRA, N. L. et al (orgs.) **Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993**. Campinas-SP: UNICAMP-IE, 1997.

PATARRA, N. L. Apresentação. In: _____. et al (orgs.) **Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993**. Campinas-SP: UNICAMP-IE, 1997.

PEREIRA, R. H. M. **Processos socioespaciais, reestruturação urbana e deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de Campinas**. Dissertação (Mestrado em Demografia), IFCH-UNICAMP: Campinas-SP, 2008.

SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. **Cidades médias e desenvolvimento industrial: uma proposta de descentralização metropolitana**. São Paulo, 1978. (Série estudos e pesquisas, n. 17)

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980.

SOUZA, M. R. **Região de Governo de Sorocaba**. Campinas: NEPO-UNICAMP, 1992. (Coleção Textos NEPO n. 24)

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp/ Lincon Institute, 2001.

¹ Cabe destacar que a AU de Sorocaba é composta por onze municípios, são eles: Alumínio, Araçoiaba da Serra, Iperó, Itu, Mairinque, Piedade, Salto de Pirapora, Salto, São Roque, Sorocaba e Votorantim. O município-sede da AU, Sorocaba, está a oeste da Região Metropolitana de São Paulo e ao sudoeste da Região Metropolitana de Campinas, sendo que as três sedes distam aproximadamente 90 km umas das outras.

² Para o debate sobre as mudanças acerca dos movimentos migratórios e sua análise, Cunha e Baeninger (2007) sublinham: “Las tendencias recientes de los movimientos migratorios en Brasil suscitaron análisis interpretativos enriquecedores del debate actual. Las transformaciones registradas en el fenómeno migratorio podrían señalar: la configuración de un nuevo patrón migratorio brasileño (Brito, 1997); el resultado de las transformaciones ocurridas en la sociedad y en su dinámica económica en el mismo período (Pacheco y Patarra, 1998); variaciones de un mismo proceso históricamente referenciado en el tiempo y en el espacio (Cunha, 1999); la desconcentración de la población en comparación con la desconcentración económica (Matos, 1995a); la expansión de los espacios de la migración (Baeninger, 1999).” (CUNHA; BAENINGER, 2007, p. 46-47)

³ A respeito do processo de “acumulação flexível” do capital, ver Harvey (2001).

⁴ Da relevância e alcance desta pesquisa, é preciso ressaltar duas características: a primeira coloca-se pela alternativa de um levantamento inter-censitário com desagregação para além das divisões captadas pelas PNADs (regiões metropolitanas e interior). A segunda pela apreensão da dinâmica regional observada pela pendularidade nas informações sobre município, zona e UF de estudo (questão 66) e trabalho (questão 74). Neste caso, preenche uma lacuna deixada pelo Censo de 1991 que não dispõe deste dado. Cabe salientar ainda que os resultados encontrados foram referendados pelos dados censitários de 1991 e parte deles estão disponibilizados in: Patarra et al (1997).

⁵ No que diz respeito às transformações nas relações de trabalho, Matoso (1994, p. 523) aponta a existência de duas formas de um mesmo processo. A primeira seria o surgimento do novo trabalhador, mais escolarizado, participativo e polivalente (em contraposição aos trabalhadores especializados, parcelizados e desqualificados da produção fordista) e até mesmo portador de uma revalorização da ética e da utopia do trabalho. “Esse trabalhador emerge como resultado lógico e funcional dos requisitos tecnológicos do novo paradigma de produção industrial de massa de bens diferenciados e do sistema integrado de produção flexível.” A outra face do surgimento desse “novo trabalhador” seria a “crescente massa de trabalhadores que perdem seus antigos direitos e, não se inserindo de forma competitiva, embora funcional ao novo paradigma tecnológico, tornam-se desempregados, marginalizados ou trabalham sob ‘novas’ formas de trabalho e de qualificação, em relações muitas vezes ‘precárias’ e ‘não padronizadas’” (MATOSO, 1994, p. 524). Assim, ao mesmo tempo em que gerou um “novo trabalhador”, o novo paradigma tecnológico “tem acentuado a fragmentação e a heterogeneidade do mundo do trabalho, rompendo com as diferentes formas de defesas ou seguranças do trabalho geradas no pós-guerra” (MATOSO, 1994).

⁶ Diversos são os estudos elaborados pela Fundação SEADE sobre o mercado de trabalho, notadamente o metropolitano, e que podem ser acessados em <<http://www.seade.gov.br/produtos/ped/index.php>>. Nesse endereço apresentam-se os resultados e análises da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED. Os artigos publicados na *Revista São Paulo em Perspectiva*, estão disponíveis em <<http://www.seade.gov.br/produtos/spp/index.php?men=pes&tipo=t>>.

⁷ A literatura referente à dinâmica regional e urbana no estado de São Paulo só recentemente começou a adotar o termo Aglomeração Urbana. Os textos mais tradicionais se utilizam de recortes territoriais delimitados pela administração pública estadual que em geral não disponibilizam os dados desagregados por município. Trata-se das chamadas Regiões Administrativas e de Governo criadas com vistas a descentralizar e orientar o planejamento e as ações do governo. Atualmente, a RA de Sorocaba está dividida em 5 RGs: Avaré, Botucatu, Itapetininga, Itapeva e Sorocaba. Sobre a criação e alterações destas áreas, consultar os decretos estaduais números 22.592 de 22/08/1984, 26.581 de 05/01/1987 e 32.141 de 14/08/1990.

⁸ É importante salientar que no censo de 1991 são disponibilizadas tanto a informação sobre município de residência anterior (última etapa) quanto o município cinco anos antes do levantamento (data fixa).

⁹ Este município apresenta grande área de conurbação com Sorocaba.

¹⁰ Cabe destacar que estes municípios resultam de uma série de desmembramentos: Mairinque (1959) desmembrou-se de São Roque e Alumínio (1991) emancipou-se de Mairinque. Sobre esse aspecto, vale informar ainda que a partir de Sorocaba foram criados os municípios de Salto de Pirapora (1953) e Votorantim (1964). Iperó foi desmembrado de Boituva no ano de 1964. Para uma análise sobre a criação de municípios na RA de Sorocaba ver Mota Junior (2006).

¹¹ Como já destacou Pereira (2008) na falta de um termo específico na língua portuguesa para o indivíduo que realiza movimento pendular, adaptou-se a palavra utilizada em inglês, *commuter*.

¹² O detalhamento dos dados mostrou que mais da metade dos fluxos de “Outros SP” restringe-se a municípios próximos à AU, como Pilar do Sul, Ibiúna, Porto Feliz, Tatuí, Boituva, Cabreúva, Jundiá, Araçariçuama e Piracicaba.